

ENTRE A FRAGMENTAÇÃO E A AUTODEFINIÇÃO: O ENTRE-LUGAR PERMEADO POR *LUCY*, DE JAMAICA KINCAID

Maria do Carmo Moreira de Carvalho¹
Sara Regina de Oliveira Lima²

RESUMO: Homi K. Bhabha (1998) ao falar da noção do entre-lugar nos mostra que há um constante de identidades em trânsito. No processo diaspórico, ao habitar o “centro”, o sujeito que se localiza na “margem” tem a sua identidade fragmentada, resultado do “meio”, ao qual passa a ocupar. Seguindo essa linha de raciocínio, realizamos no presente trabalho a análise da novela *Lucy*, de Jamaica Kincaid (1994). Como ponto de partida da investigação, direcionamos o olhar para a formação da identidade da protagonista Lucy diante do entre-lugar/entre-meio, pensado por Bhabha (1998). Para isto, desenvolvemos um diálogo entre a fragmentação do sujeito em face do existir em dois extremos (o centro e a margem), com a concepção de autodefinição, elaborada por Patrícia Hill Collins (2019), e o de excentricidade, cunhado por Linda Hutcheon (1991). A partir da articulação teórica, evidenciamos que a identidade da personagem se constrói mediante a descentralização que, apesar de fragmentar o sujeito, desloca as identidades inatas e unificadas. Inferimos, portanto, que, embora habite o entre-meio que a indefine, Lucy recupera em si a identidade através da recusa do lugar designado a ela enquanto sujeito diaspórico.

PALAVRAS-CHAVE: Lucy, Autodefinição, Entre-lugar, Identidade, Diáspora, Caribe.

BETWEEN FRAGMENTATION AND SELF-DEFINITION: THE BETWEEN THE PLACE PERMEATED BY THE CHARACTER LUCY, BY JAMAICA KINCAID

ABSTRACT: Homi K. Bhabha (1998) when talking about the notion of the in-between place shows us that there is a constant of identities in transit. In the diasporic process, while inhabiting the "center", the subject that is located in the "margin" has his identity fragmented as a result of the "middle", which he starts to occupy. Following this line of reasoning, in this work we analyze the novel *Lucy*, by Jamaica Kincaid (1994). As a starting point of the investigation, we look at the formation of the identity of the protagonist Lucy in the between-place/among-means, thought by Bhabha (1998). For this, we developed a dialogue between the fragmentation of the subject in the face of existing in two extremes (the center and the margin), with the conception of self-definition, elaborated by Patricia Hill Collins (2019), and that of eccentricity, coined by Linda Hutcheon (1991). From the theoretical articulation, we evidence that the character's identity is constructed through decentralization that, despite

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (PPGL-UESPI). Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: mariamc91196@gmail.com

² Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL-UFPI). Mestra em Letras (PPGEL-UFPI). Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: saralima.r@hotmail.com

fragmenting the subject, displaces innate and unified identities. We infer, therefore, that although she inhabits the in-between that indefinitely defines her, Lucy recovers her identity through the refusal of the place assigned to her as a diasporic subject.

KEYWORDS: Lucy, Self-definition, In-between places, Identity, Diaspora, Caribe.

Autora e obra em movimento

Entre os séculos XVI e XIX, o processo de tráfico humano deu início à exterminação e subjugação de grupos étnicos pertencentes ao continente africano em nome da moral, da razão e da religião de pilar ocidental. Grande parte do território das Américas serviu como palco da importação humana para fins mercadológicos. Neste processo, pessoas eram retiradas do seu lugar de origem, bem como expurgados da cultura, tradição, modos outros de saberes e existências, e postas em condições subumanas, enquanto serviam de mão de obra barata para beneficiar os interesses dos colonos e, conseqüentemente, da metrópole. Em decorrência da ordem eurocêntrica, no Caribe, assim como em outros espaços do continente americano, instaurou-se a diáspora africana, uma vez que os africanos escravos foram os principais grupos étnicos comercializados nas ilhas caribenhas.

A datar deste advento de movimento populacional no Caribe, o qual caracteriza a diáspora nas ilhas, temos uma outra questão que tornou-se, também, marca de movimentação da população caribenha, que é a migração. Embora a migração dos países percebidos como subdesenvolvidos não faça necessariamente parte do que entendemos por “importação humana”, trata-se de um fenômeno também proveniente do sistema pós-colonial, imperialista e capitalista, conforme Said (1999). Dessa forma, pessoas de uma determinada nacionalidade saem à procura de melhores experiências de vida em outros locais por estarem em posição de inferioridade e vulnerabilidade em seus lugares de origem. Grande parte da evasão é justificada pela problemática econômica.

No mais, a migração ocorre através de fatores adversos, o sujeito vê-se compelido a deslocar-se para outros espaços geográficos em busca de maiores oportunidades, diante das “transformações ocasionadas pela economia globalizada, as quais levam à exclusão crescente dos povos, países e regiões e sua luta pela sobrevivência; a mudança demográfica em curso nos países de primeira industrialização; o aumento das desigualdades entre Norte e Sul” (MARINUCCI; MILESI, 2006, 64), dentre outras causas. Muitas vezes, ao residir em outro país, o/a emigrante é realocado/a em locais de trabalho subalterno. Em alguns países a imigração é encarada com resistência por uma porcentagem da população materna e do sistema governamental que rege a nação. Neste contexto, a migração “tem sido um tema constante na história do Caribe” (HALL, 2013, p. 1-2), decorrendo da força econômica-social – dentre outros eventos – através da qual o/a emigrante vai de encontro com países industrializados a fim de condições favoráveis.

Paralelamente, assim como tornou-se recorrente no Caribe, também tem sido nas produções literárias de autores/as caribenhos/as. A migração, a identidade, as experiências de gênero, dentre outras fontes temáticas, fazem parte dessa literatura, visto que “a imaginação literária permite articular uma consciência da diáspora e da nação ao nível das experiências vividas através das diferentes modalidades de migração” (DAVIES, 2010, p.

751). O que nos leva a refletir como o processo de migração e de diáspora influenciam a produção literária, desempenhando o senso de coletividade e identidade na literatura, como é o caso da novela intitulada *Lucy*, escrita pela caribenha Jamaica Kincaid (1994). Dentro deste escopo, temos a escritora que migra para os Estados Unidos e constrói a novela através das suas próprias experiências enquanto não pertencente àquela nação.

Jamaica Kincaid, nome artístico de Eliane Potter Richardson, nasceu em *St. John*, capital de Antígua e Barbuda, em 1949. Aos 17 anos, mudou-se para os Estados Unidos na investida de escapar da extrema pobreza e ideais coloniais e patriarcais os quais oprimiam as mulheres em sua terra natal. Instalada no novo país, Kincaid divide seu tempo entre o trabalho de *Au Pair* e a formação de enfermeira. Quando finalmente introduz-se na escrita passa a assinar com o codinome Jamaica Kincaid, escrevendo com lirismo e em tom de liberdade as obras: *At the Bottom of the River* (1983)³, *Annie John* (1985), *Lucy* (1990), publicado uma única vez no Brasil por meio da Editora Objetivo, sob a tradução de Lia Wyler, em 1994⁴, *The Autobiography of My Mother* (1996), em português “A autobiografia da minha mãe”, publicado no Brasil pela Editora Alfaguara (2020), com a tradução de Débora Landsberg, dentre outras obras. É ainda vencedora de importantes prêmios da literatura, dentre os quais, Morton Dauwen Zabel de ficção (1984), Anisfield-Wolf Book Award for Fiction (1997), Lannan Literary Award for Fiction (1999), Prix Femina étranger (2000).

Na novela *Lucy* (1994), podemos observar que a história da personagem se confunde com a história de vida da própria autora. Assim como Kincaid, Lucy experiencia um contexto de transição do Caribe para os Estados Unidos, para trabalhar como *Au Pair* no seio de uma família branca e bem instalada, ao passo que se dedica ao curso de enfermagem. Trata-se de um enredo em que os meios habitados são focalizados durante toda a narrativa, isto é, a autora articula o presente, nos Estados Unidos, com o passado, na Antígua, de modo a manifestar a relação de fragmentação que os dois lugares exercem em Lucy. Embora residindo em outro país, as memórias da infância, de fazer parte de um local colonizado que perpetua a dominação de gênero e de raça são perenizadas como uma extensão da sua condição na vida presente. A decisão de mudar-se é explicada pelo “desejo de liberdade e a contrariedade em relação ao discurso e opressão hegemônicos, estes que aparecem nesse contexto como elementos indispensáveis [no] constructo identitário” (SILVA, 2012, p. 49).

Dessa maneira, a experiência diaspórica desenvolve em Lucy o conflito de habitar os entre-lugares, impossibilitando, em certo grau, a formação de uma identidade, dado que, de acordo com as ideias de Roland Walter (2009), os sujeitos que fazem parte de uma diáspora “compartilham uma dupla se não múltipla consciência e perspectiva, caracterizadas por um diálogo difícil entre vários costumes e maneiras de pensar e agir [...] habitam línguas, histórias e identidades que mudam constantemente” (WALTER, 2009, p. 43). Tendo em vista tais considerações, objetivamos analisar como a identidade de Lucy é (re)definida a partir da noção de “entre-lugar/entre-meio”, pensado por Homi Bhabha (1998). De início investigamos a autodefinição de Lucy enquanto mulher negra ao constituir-se subjetivamente durante o percurso de (re)definição da identidade. Para isto, utilizamos como aporte teórico os

³ No português do Brasil traduz-se para “No fundo do rio”.

⁴ Versão utilizada para o estudo.

pressupostos de Patrícia Hill Collins (2019) em diálogo com bell hooks (2019) e Audre Lorde (2019). Em seguida, analisamos a formação da identidade diante da fragmentação por viver no entre-lugar, apoiando-nos nos estudos de Kabengele Munanga (2020), Frantz Fanon (1968) e Stuart Hall (2006).

Raiva e ação: a autodefinição de Lucy nos entre-lugares

Homi Bhabha (1998), ao falar da noção de entre-lugar, nos mostra que há um constante de identidades em trânsito na experiência diaspórica. O sujeito, ao habitar o centro, quando também se localiza na margem, vê-se diante de identidades cruzadas resultantes de mudanças caracterizadas pela “desterritorialização e reterritorialização, bem como pela implícita tensão entre a vida aqui e a memória e o desejo pelo lá” (WALTER, 2009, p. 49). Ao pensar no conceito de pertencer e, ao mesmo tempo, do não pertencer que Bhabha (1998) nos oferece, é possível perceber que a pessoa em diáspora, advinda de um contexto de colonização, carrega em si marcas do espaço ocupado antes, na mesma proporção que adquire as marcas do novo lugar a qual passa a integrar. Paralelamente, ela desloca-se para um meio instalado entre o centro hegemônico e a margem inferiorizada.

Neste cenário temos Lucy. A personagem central da novela de Jamaica Kincaid (1994) é introduzida num contexto de diáspora em que os meios habitados - no presente e no passado - são focalizados durante toda a narrativa. Lucy se encontra perante a dubiedade do agora e da memória. Em frente às vivências nos Estados Unidos resgata as lembranças da Antigua, ilha onde morava com a família, de forma que as atitudes presentes representam o fervor da libertação, na medida que reacende os traumas e a compreensão do espaço destinado a ela. Embora residindo em outro país, as memórias são ampliadas frente ao enfrentamento dos efeitos da colonização em seu corpo, passando a expressar o desejo em distanciar-se daquele contexto atual, que lhe causa a sensação de desconexão. O clima “acinzentado” torna-se o mote para a estranheza:

Não me achava mais numa zona tropical, e tal conclusão agora penetrava minha vida como uma corrente de água que dividisse uma terra antes seca e firme e criasse duas margens, uma que representava o meu passado - tão familiar e previsível que até a lembrança da infelicidade de então me fazia feliz agora - a outra, o meu futuro, um vazio cinzento, uma paisagem marinha nublada em que a chuva caía e não havia barcos à vista. Não me achava mais numa zona tropical e sentia frio por dentro e por fora, a primeira vez que uma sensação dessas me sobrevinha [...] Em livros que lera [...] alguém era acometido de saudades. Uma pessoa abandonava uma situação pouco agradável e ia para outro lugar muito melhor e, em seguida, ansiava por voltar para onde não era tão bom [...] Mas agora eu, também, sentia que queria voltar ao lugar de onde partira. Eu compreendia, sabia qual era minha posição ali (KINCAID, 1994, p. 02-03)

Logo no início da narrativa percebemos que Lucy exterioriza o sentimento de não pertencer à recente habitação. Em decorrência da disparidade climática expõe a quebra de expectativa da condição presente que “no passado [...] fora um consolo, mas agora não tinha nem isso para antegonizar” (KINCAID, 1994, p. 03). Podemos interpretar a diferença de ares com o próprio deslocamento ocasionado pela mudança. Lucy parte da ínsula dona de “um sol dourado e ofuscante desses que faziam as pontas de tudo se crisparem, quase amedrontadas, a que estava acostumada” (KINCAID, 1994, p. 02) para um ambiente de “sol pálido, como se tivesse enfraquecido de tanto fazer força para brilhar” (KINCAID, 1994, p. 02). Ainda que a Antigua representasse a vivacidade, também correspondia a um mundo que lhe despertava animosidade. As desavenças com a figura materna, o fato da mãe ser indiferente e esperar sempre o pior de Lucy, por exemplo, foram um dos pontos que influenciaram a sua ida. Abaixo, a impassibilidade às cartas recebidas pela matriarca revela a dinâmica conflituosa:

No meio da manhã recebi carta de minha mãe me pondo ao corrente do que pensava que eu teria saudades, pois saíra de casa e certamente gostaria de saber. “Ainda não choveu desde que você partiu”, escreveu. Que fascinante, falei de mim para mim com amargura [...] Isso já não me interessava. O objetivo da minha vida agora era interpor o máximo de distância possível entre mim e os acontecimentos mencionados em sua carta. Pois sentia que se pudesse colocar um número suficiente de quilômetros entre mim e o lugar de onde viera aquela carta [...] e os acontecimentos mencionados na carta, estaria livre para aceitar tudo pelo que era (KINCAID, 1994, p. 16).

Em alguns momentos do enredo é evidenciado uma certa aproximação entre a mãe da personagem e Mariah, mulher que emprega Lucy nos Estados Unidos. O que Lucy sente pela mãe biológica é ressentimento porque desde muito cedo exercia o papel da filha “insuficiente” que seguiria por vias inadequadas, quando na verdade necessitava de carinho e atenção. Já no que diz respeito à Mariah, o carinho e atenção que ela dispõe vem acompanhado de condescendência. O que nos faz refletir que, em certos pontos, a questão também combatente da personagem com Mariah revela uma projeção da própria mãe, uma vez que, em suas palavras; “As vezes que gostava de Mariah era porque lembrava minha mãe. As vezes que não gostava de Mariah era porque lembrava minha mãe” (KINCAID, 1994, p. 31).

Kincaid (1994) nos apresenta uma personagem em transição da adolescência para a vida adulta que vivencia novas experiências e descobertas sob diferentes maneiras: Além do dissentimento com a mãe, é explorada a sexualidade, o menosprezo à opinião da figura infante e a diferença racial, notadamente marcada entre ela e as pessoas com quem convive. Em razão da experiência de vida, a própria Lucy estabelece fronteiras entre as relações concebidas no novo país. Quando se envolve em uma barreira/fronteira, fica evidente a

sensação de “desorientação” advinda da circulação “espaço/tempo” e “presente/passado” que Bhabha (1998) caracteriza da seguinte forma:

Encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de diferença, no "além": um movimento exploratório incessante (BHABHA, 1998, p. 19).

Lucy tem consciência dessa diferença corroborada pelos binarismos que reafirmam a nomenclatura dominante-dominado. A barreira/fronteira formada por ela entrelaça-se com o presente e o passado, tornando complexa a definição de uma identidade. Trata-se de um sujeito minorizado por variadas categorias que marcam a diferença, para citar Stuart Hall (2018). Transita nos eixos concernentes à raça, ao gênero e à classe, que ao invés de a preencherem, a esvaziam, porque são eixos afastados da ideologia (ao tempo que oriundos) do eurocentrismo. Essas singularidades a posicionam na base de uma hierarquia organizacional a qual figura o poder.

Patrícia Hill Collins (2019) ao discorrer sobre a dimensão da autodefinição da mulher negra para a afirmação de uma identidade, resgata a palavra da escritora Alexis DeVeaux que afirma existir na obra de mulheres negras uma espécie de investigação do “eu” em relação ao “outro”, no empreendimento de entender o lugar do “eu” enquanto indivíduo e o lugar do “outro”, que está ao seu lado. Segundo Collins (2019), a proposta de DeVeaux em entender o espaço habitado por cada um, demonstra “uma consciência e uma autodefinição cada vez mais claras da situação [...] [transmitindo] ao ouvinte não tristeza e remorso, mas uma raiva que leva à ação” (COLLINS, 2019, p. 242). Ao articular a ideia de autodefinição tratada pela intelectual com a obra em estudo, percebemos que este conceito é encaminhado à Lucy difundindo nela a raiva convertida em ação. Quando Lucy transpassa a raiva de onde veio e de onde está localizada como mulher negra em contexto diaspórico, para as relações com o outro perto dela, em uma clara compreensão do lugar de cada um, ela em verdade se autodefine.

Importante assinalar que quando mencionamos raiva e ação não reduzimos a discussão ao estereótipo da “mulher negra raivosa”, pelo contrário, falamos da raiva que vem de dentro enquanto parte do conflito de gênero e de raça exteriorizada como resposta à agressão do “outro” branco. Na seguinte passagem, a própria Kincaid (1994) alude ao termo, afirmando que “a raiva é uma arma muito útil e é muito bom para uma mulher ser assim. As pessoas não gostam de mulheres muito bravas, mas é uma arma potente para te tirar de um buraco” (KINCAID, 1994, p. 14). É, portanto, a possibilidade de se potencializar, o que a raiva exteriorizada proporciona. Interpretamos a potencialidade oferecida pela raiva como um fator decorrente da autodefinição de Lucy.

Audre Lorde (2019) frisa que mulheres respondendo ao racismo, respondem também à raiva. A raiva para a autora torna-se instrumento de combate ao silêncio, às violências, ao

privilégio que algumas mulheres têm em relação às mulheres racializadas. Refletindo sobre a experiência de ser uma mulher negra perante as massificantes articulações de racismo e sexismo, a autora argumenta que:

Minha resposta ao racismo é raiva. Eu vivi com raiva, a ignorando, me alimentando dela, aprendendo a usá-la antes de ela destruir minhas visões, durante a maior parte da minha vida. Uma vez respondi em silêncio, com medo do peso. Meu medo da raiva me ensinou nada. Seu medo da raiva irá te ensinar nada também [...] Minha raiva é uma resposta às atitudes racistas e as ações e presunções que surgem dessas atitudes (LORDE, 2019, p. 155).

Lucy reage com raiva, fazendo dela aliada perante as atitudes presunçosas e paternalistas das pessoas com quem compartilha seus dias como *Au Pair*, nos Estados Unidos. Ela, enquanto racializada, diaspórica, imigrante, tem em mente que o silêncio não lhe cabe. “Enfrentar o medo de se manifestar e, com coragem, confrontar o poder continua a ser uma agenda vital para todas as mulheres (HOOKS, 2019, p. 18), assim, “erguer a voz’, ‘responder’, ‘retruca’ significa falar como uma igual” (HOOKS, 2019, p. 31). Na seguinte passagem, quando as duas viajam de trem para a casa de verão da família, podemos atestar como Lucy interpreta com profundidade o que Mariah vê com “simplicidade”. Lucy reage com palavras:

Fomos no carro-restaurant para jantar. Sentamos às mesas [...] As outras pessoas que se sentavam para jantar pareciam parentes de Mariah; as que as serviam pareciam meus [...] Mariah não parecia reparar no que tinha em comum com os outros comensais, ou o que eu tinha em comum com os garçons. Agia como sempre, ou seja, o mundo era redondo e todos concordávamos com isso [...] Bem cedo pela manhã, Mariah saiu de sua cabine para me avisar que estávamos passando por alguns daqueles campos recém arados de que tanto gostava. Levantou minha persiana, e quando vi quilômetro sobre quilômetro de terra revolvida, disse, um tom cruel na voz:

– Bom, graças a Deus não tive que fazer isso. - Não sei se entendeu o que quis dizer, porque naquela única frase quis dizer muitas coisas diferentes (KINCAID, 1994, p. 17).

Em poucas palavras a personagem de Kincaid (1994) critica contundentemente o período de servidão dos corpos negros nas Américas. No olhar atento e lancinante de Lucy, os campos remetem ao trabalho fadigoso nos campos, no qual indivíduos, homens e mulheres negras, esgotavam sua última força para gerar lucro ao comércio escravista. Além disso, a herança escravista destina a estes corpos lugares considerados subalternos na sociedade. Enquanto as pessoas servidas são, em sua grande maioria, brancas, as que servem são, em sua maioria, negras. O racismo estrutural condiciona tais procedimentos como normais na

contemporaneidade. A maneira de se posicionar, com “um tom cruel na voz” (KINCAID, 1994, p. 17), perante situações comuns na ótica do Outro dominante, é “uma resposta às atitudes racistas e as ações e presunções que surgem dessas atitudes” (LORDE, 2019, p. 155).

Dessa maneira, com as lembranças e a consciência agindo como um escudo protetor, torna-se dura diante das ações ambivalentes da típica família norte-americana, sem deixar-se envolver afetivamente naquele espaço de aparência, considerando sempre o espaço da margem, o qual a força hegemônica lhe concedeu. Essa barreira constituída por Lucy em frente às relações estabelecidas socialmente, ao transitar nos entre-lugares, corresponde também às estratégias de subjetividade descrita por Bhabha (1998), quando ele afirma que:

Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20).

São estratégias que provocam o deslocamento de domínios prevalentes. Lucy, tendo em mente o vazio que a estrutura social lhe oferece, subverte os domínios que lhe atravessam fechando-se perante os espaços hegemônicos, uma vez que ela advém de uma ilha colonizada, tem ciência do seu estigma enquanto colonizada e passa a ocupar espaços de domínio que desconsideram um outro inferiorizado. Contudo, vemos que, ao desobedecer as expectativas do novo espaço, no mesmo instante que abdica da ilha onde cresceu, move-se para o meio. Trata-se de um meio que a faz não pertencer a lugar algum, pois, através das memórias narradas por Lucy, pode-se perceber que ela rejeita o lugar de onde veio, seja por motivo da má relação com a mãe, ou por traumas decorridos quando infante como, por exemplo, na declamação forçada de um poema.

Na vida adulta o recitar forçoso ativa lembranças pungentes, a afastando demasiadamente do seu lugar de origem, ao passo que, por outro lado, nega qualquer relação condescendente com o lugar dominante o qual passa a fazer parte. No seguinte trecho observamos a recusa do lugar de onde partiu atrelado à recusa do lugar presente, no momento em que Lucy lembra do trauma ocasionado pela memorização do poema na infância. Ao passo que Mariah cita narcisos em uma conversa sobre a chegada da primavera, Lucy pensa consigo:

Lembrei de um velho poema que me mandaram decorar quando tinha 10 anos e era aluna da escola feminina Queen Victoria. Mandaram-me decorá-lo, verso por verso, e depois tive de recitá-lo inteiro para a platéia de pais, professores e colegas [...] Na noite seguinte à recitação, sonhei me pareceu que sem parar, que estava sendo perseguida por uma rua estreita de pedras por ramos e mais ramos dos mesmos narcisos que jurara esquecer, e quando finalmente cai de exaustão todos se amontoaram sobre mim, até que fiquei soterrada sob as flores

32 Criação & Crítica

e nunca mais ninguém me viu. Esquecera tudo isso até que Mariah mencionou os narcisos, e agora lhe contei o episódio com tanta raiva que surpreendi a ambas [...] assim que terminei de falar, sem um segundo de deliberação as duas recuamos. Foi apenas um passo que demos, mas a mim pareceu que alguma coisa de que não tinha consciência fora reprimida (KINCAID, 1994, p. 9-10).

Em seguida, avança para a tensão ao passo que, mais tarde, Mariah, mesmo conhecendo o episódio, decide levá-la para conhecer as flores:

Ao longo das veredas e debaixo das árvores havia uma quantidade de florinhas amarelas do tamanho e formato de xicrinhas de brinquedo ou saiotos de fadas. Pareciam coisas de comer e de vestir ao mesmo tempo [...] Eu não sabia que flores eram essas, e por isso era um mistério por que sentia vontade de matá-las. Sem mais nem menos. Queria matá-las. Desejei ter uma enorme foice; simplesmente andaria pela vereda, arrastando-a e cortaria, e cortaria as flores no ponto em que brotavam do chão [...] não era sua culpa. Não era minha culpa. Mas nada poderia alterar o fato de que onde ela via belas flores eu via tristeza e amargor. A mesma coisa poderia nos fazer derramar lágrimas, mas as lágrimas não teriam o mesmo gosto (KINCAID, 1994, p. 15).

Ao escavar o poço de mágoas, estigmas e violências, nota-se que neste fragmento instala-se o que Collins (2019) considera por autodefinição como provedora da ação. A intelectual reflete que ao autodefinir-se a mulher negra descarta a interpretação da sua realidade por parte de pessoas posicionadas acima delas, numa hierarquia de poder. Quando autodefine-se, ela entende o seu domínio enquanto sujeito humano e não objeto. Desse modo, tal atitude vista de cima é interpretada como insensível, contudo significa algo a mais. Está vinculada à raiva do passado-presente imbricada nas entranhas da personagem e externadas em convívio com o seu “outro” branco, desdobrada nas atitudes inócuas do cotidiano.

As memórias passadas ampliam em Lucy o amargor por achar-se em um espaço de não pertencimento, a repulsa pelos narcisos age como uma metáfora para o ex-cêntrico idealizado por Linda Hutcheon (1991). Lucy comportaria o “ex-cêntrico” por não se adequar ao centro hegemônico, não estar de acordo com as instâncias de poder que regem a organização social, ao passo que seria “excêntrica”, no sentido convencional do termo, ao não se encaixar no tecido social, ou seja, de se encontrar em um contexto de diáspora. Para Hutcheon (1991) a “minoría” não espera apoderar-se do lugar do dominante, pelo contrário, o usurpar do minorizado alude à criação de novas possibilidades. Ao pensar a partir da autora, infere-se que Lucy não espera ocupar o lugar de Mariah, mas sim, deslocar esse “mundo macio e belo” (KINCAID, 1994, p. 12) como é visto por ela e que ela se localiza, o mundo que, por vezes, faria as duas derramarem lágrimas pelas mesmas coisas, “mas as lágrimas não teriam o mesmo gosto” (KINCAID, 1994, p. 15).

A postura que Lucy assume diante da mulher - e de todos aqueles que compõem a rede familiar e social - diz respeito ao deslocamento das instâncias que geram diferenças entre as condições direcionadas à ela e à Mariah, esta que vê e vive o mundo de forma macia e bela, que, nas palavras de Lucy: “agia como sempre, ou seja, o mundo era redondo e todos concordávamos com isso, quando eu sabia que o mundo era plano e se eu fosse até a borda cairia” (KINCAID, 1994, p. 17). Para Lucy, o mundo era plano porque localizava-se à margem e o mínimo empurrão a ela direcionado, despencaria.

Adjacente ao olhar de Lucy, temos um exemplo dado por bell hooks⁵ (2019) que, falando sobre a realidade dos habitantes negros da cidade de Kentucky, nos Estados Unidos, descreve como os trilhos da estrada de ferro os separava do outro lado, o centro, e marcava notadamente a marginalidade como minoria. Nesse sentido, aponta que ao transitar os dois espaços, pois, mesmo omitindo o minorizado, o centro precisa da margem para o servir como zeladores, empregadas domésticas, prostitutas etc., essas pessoas introduzidas lá e cá desenvolveram um modo particular de entender os dois extremos:

Por viver como vivíamos - nas extremidades - desenvolvemos um modo particular de enxergar as coisas. Olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora. Focávamos nossa atenção no centro assim como na margem. Compreendíamos ambos. Essa forma de ver nos lembra da existência de todo um universo, um corpo principal com sua margem e seu centro (HOOKS, 2019, p. 3).

Lucy ao transitar os dois extremos dispõe do olhar tanto de fora para dentro (da margem para o centro) quanto de dentro para fora (do centro para a margem), compreende os dois lados e utiliza do discernimento para superar e desconstruir os espaços de dominação. É uma completude que produz o senso de contestação, pois “esse senso de inteireza [...] haveria de prover de uma visão de mundo contestadora [...] que nos sustentava [...] fortalecendo nossa percepção de nós mesmas e nossa solidariedade” (HOOKS, 2019, p. 3). Interpretamos o episódio das flores como uma metáfora para asseverar que a personagem se faz presente naquele espaço inicialmente não idealizado para ela e ao integrar-se nele desloca-o, considerando outras vias, sem haver o dogma de subvertê-lo.

Kincaid (1994) constrói a personagem entre presente e passado que, mediante uma ação conflituosa dos meios, ao habitar os entre-lugares entrecruza a ideia de formação de sujeitos. O transitar abordado por hooks (2019) assemelha-se ao que Hutcheon (1991) entende por novas possibilidades, pois para ela ao cair em dogmatismos chega-se à uma “nova” ideologia a qual torna única a ideia de liberdade, isto é, acarreta a subversão de papéis. O que as autoras pressupõem coincide também com o que Bhabha (1998) defende sobre o entrecruzamento, há um anseio em deslocar os domínios de diferença - que ele chama de *interstícios* - os quais negociam o valor cultural e as experiências intersubjetivas. Desse modo, o “enxergar de dentro para fora” e o “de fora para dentro” se entrecruzam, acarretando no

⁵ Utilizamos a escrita do nome da autora com iniciais minúsculas respeitando a ideia da intelectual de que as iniciais escritas dessa forma enfocam o conteúdo da sua obra.

deslocamento que leva Lucy a pertencer não a um dos dois extremos, mas ao meio deles. Torna-se uma relação complexa que acaba não a levando a nenhum lugar de fato.

As experiências subjetivas apontadas por Bhabha (1998) podem ser percebidas na seguinte passagem, quando Mariah associa a sua habilidade de caçar e a destreza em preparar alimentos naturais, com a descendência indígena, numa investida de harmonizar a sua relação com Lucy e aproximar-se dela:

- Eu estava querendo lhe dizer que tenho sangue índio, que a razão por que sou tão boa na pesca, na caça às aves, em assar milho e fazer todo tipo de coisas é porque tenho sangue índio. Mas agora, não sei porque, sinto que não deveria lhe dizer. Sinto que vai me entender mal. [...] Como poderia entender aquilo? Mal? Bem? Que queria dizer? [...] Mariah diz, “Tenho sangue índio”, e sob a superfície era capaz de jurar que diz isso como se estivesse anunciando a posse de um troféu. Como se acaba sendo um conquistador que pode reivindicar o papel de conquistado também? (KINCAID, 1994, p. 21-22).

O questionamento o qual Lucy encerra refere-se ao fato de que Mariah com toda a sua gama de privilégios, por estar localizada acima em uma pirâmide hierárquica, não percebe que a descendência não a posiciona lado a lado com Lucy. São dois extremos divergentes, pois a vida pessoal das mulheres racializadas em contexto de diáspora é “fundamentalmente moldada por opressões interseccionais de raça, gênero, sexualidade e classe” (COLLINS, 2019, p. 246). O fato de descender a um grupo marginalizado não a torna marginalizada, porque ela goza de todos os privilégios que o sistema de controle oferece para o grupo dominante.

Portanto, mesmo com o aparente tom atencioso e educado com o qual Mariah se refere, Lucy sente-se mais distante ainda. As experiências subjetivas e o valor cultural são percebidas quando a personagem questiona a apropriação de Mariah que não entende e tampouco saberá o que é estar estrategicamente posicionada pela diferença. Dessa maneira, para tratar deste fato de forma mais atenta, desenvolvemos o tópico a seguir através do olhar decolonial de Nelson Maldonado-Torres (2018), que discute o pensamento afro-diaspórico a partir da colonialidade em conjunto com a diferença pressuposta por Stuart Hall (2006), além de nos atermos aos estudos de outros intelectuais para explicar como ocorre, ou se é possível ocorrer, a formação de uma identidade quando o sujeito encontra-se no entre-meio.

(Re) definindo a identidade

Para prosseguir com a reflexão sobre a formação de identidade nos entre-lugares, nos apoiamos na afirmação de Kabengele Munanga (2020) acerca da construção da identidade negra, quando ele diz que “o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa” (MUNANGA, 2020, p. 14). Para o autor, torna-se complexa porque envolve “fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e

raciais” (MUNANGA, 2020, p. 14), que moldam de certa forma a tomada de consciência do que é ser negro, o que influi no processo de construção de uma identidade. Neste encaixo, de acordo com as ideias do intelectual, a sobreposição de fatores essenciais que movimentam a afirmação da identidade individual ou coletiva, pode vir a produzir efeitos diversos no progresso identitário, posto que há nesse processo pluralidades contextuais.

Partindo deste pressuposto, estando localizado no meio, o sujeito é sobrecarregado por variados vieses que dificultam a identidade, seja ele histórico, linguístico, cultural, racial, religioso, psicológico e político-ideológico. Dentre os quais, este último molda e manipula “a consciência identitária por uma ideologia dominante quando considera a busca pela identidade como um desejo separatista” (MUNANGA, 2020, p. 13). Para citar exemplos, existe, portanto, na novela de Kincaid (1994) a supressão histórica, uma vez que a personagem central parte de uma ex-colônia onde a aniquilação histórica foi um dos meios de apagar a memória individual e coletiva do nativo colonizado; a supressão linguística, pois, embora, se conserve resquícios da língua nativa, a imposta cristalizou-se; sem mencionarmos aqui a supressão cultural, racial, política-ideológica e psicológica.

A sobreposição estigmatizante é capaz de ocasionar no trânsito de múltiplos aniquiladores de identidade, os quais apagam do sujeito negro o entendimento de ser parte integrante de um grupo inferiorizado. Contudo, Kincaid (1994) nos mostra que, apesar de atravessada por tais condicionamentos, Lucy entende o pertencimento, a consciência de quem é e o discernimento das diferenças demarcadas em seu corpo pela hegemonia. A sapiência a leva a reagir perante o espaço centrado. Dessa maneira, a reação à opressão a autodetermina, para recorrer a Collins (2019), operando nela a busca pelo “eu” individual e coletivo diante daquele espaço estranho.

Através do conflito reverberado na personagem em pertencer ou não a um lugar específico, embora esteja inclinada a um grupo hierarquicamente concentrado abaixo, Kincaid (1994) demonstra na protagonista a diferença instalada por ser emigrante e o desejo descolonial de reconstruir sua identidade, desarticulando da estrutura vigente. No mais, é uma experiência complexa, pois o meio a torna um sujeito fragmentado. Para desenvolver esta complexidade com a qual Munanga (2020) caracteriza a construção da identidade negra, recorreremos ao olhar descolonial de Maldonado-Torres (2018) que diz o seguinte:

Uso descolonização como um conceito que está fundamentalmente alinhado com o conceito de libertação, pelo menos nos modos que tem sido usado pelos movimentos que se opõem à colonização. Libertação expressa os desejos do colonizado que não quer atingir a maturidade e tomar-se emancipado como os europeus iluministas que condenam a tradição – não que essa seja a única forma de conceber a emancipação –, mas sim organizar e obter sua própria liberdade (TORRES, 2018, p. 32).

Articulando a narrativa com o ponto de vista do autor, inferimos que Lucy tenta obter sua própria liberdade em contraposição ao aqui e acolá o qual se entremeia. Desse modo, a libertação como efeito da descolonização é buscada por meio da recusa da colonialidade,

32 Criação & Crítica

hierarquizando a sua própria identidade sob a hierarquização normativa, de maneira que não traga consigo o dogma de subverter as opressões, pois não se trata de uma luta, ou hierarquia de opressões⁶, o que se busca são vieses de superação da marginalidade do existir. Lucy busca possibilidades. A indiferença e a inconformidade com a forma de agir e ver o mundo daqueles ao seu redor é expressa quando indaga para si em diferentes momentos da narrativa como que uma pessoa bem instalada socialmente, não só economicamente, mas em todos os aspectos da organização social, é capaz de ser ambivalente e enxergar beleza/harmonia em tudo.

Próximo a isso, reflete a incompreensão em relação ao “desamparo” que uma pessoa bem situada também está sujeita:

Todas as janelas no apartamento de Lewis e Mariah tinham por fora barras de ferro forjadas decorativamente em curvas e caracóis, de modo que porventura as crianças trepassem no peitoril e escorregassem, não poderiam cair do décimo andar e se estatelar na calçada. Era uma medida razoável, proteger a vida dos filhos, mas mesmo assim me confundia: será que as pessoas em sua condição - ricas, bem instaladas, belas, com o melhor que o mundo tinha a oferecer ao alcance da mão - não conseguiam viver sãs e salvas sem jamais sofrerem sequer a quebra de uma unha? (KINCAID, 1994, p. 45).

Lucy, ao contrário de dura, é desobediente à docilidade com a qual se espera que seja com aqueles acima dela, pois, além de tudo, é uma relação de contratante-contratada. São em momentos corriqueiros como este que Kincaid (1994) demonstra o tom mimético da descolonização operado na personagem. Ela está ali para mostrar que o pertencimento presente em Lucy – apesar de fragmentado pelos conflitos advindos do entre-meio – tenciona o encontro com a identidade através da emancipação. Ao tratar do sujeito fragmentado, na seguinte passagem podemos observar a recusa do outro lado (passado), já mencionada no tópico anterior:

Não gostava de domingos, e este não era exceção. Não podia acreditar que tal sentimento com relação aos domingos me tivesse seguido meio mundo. Não conseguia explicá-lo, o sentimento. Que significação exatamente devia ter o domingo? Sempre naquele dia sentia tal desespero que teria sido uma felicidade me transformar em um objeto útil como um esfregão de pratos. Quando eu vivia em casa, na casa de meus pais, costumava fazer uma lista de todas as coisas que tinha certeza que não me seguiriam se eu ao menos atravessasse o vasto oceano que se estendia diante de mim; costumava pensar que uma simples mudança de foro baniria para sempre de minha vida as

⁶ De acordo com a afirmação de bell hooks (2019).

32 Criação & Crítica

coisas que mais desprezava. Mas isso não iria acontecer. À medida que cada dia se desenrolava aos meus olhos, percebia a mesmice de tudo; via o presente tomar forma - a forma do meu passado (KINCAID, 1994, p. 47).

A fuga do passado segmenta a ligação familiar. Contudo, entendemos a recusa também como uma metáfora da renúncia à colônia, à condição de colonizada, numa investida da própria Lucy de insubordinar a marginalização. Frantz Fanon (1968) afirma que o processo de opressão germina no oprimido uma espécie de desânimo, tristeza e, singularmente, o anestesia na luta pela libertação. Neste sentido, apesar de Lucy recuar da mãe (passado-colonizado) sente-se solitária (longe do seu cerne cultural) em um contexto o qual não se sente em casa (lugar do colonizador). Para ela, a busca pela formação do “eu” é fracionada, no entanto, anestesiada diverge o meio, afirmando-se gradativamente. Neste seguimento, Hall (2006) considera a identidade do sujeito com o propositivo de que:

A identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre em “processo”, sempre “sendo formada”. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduo, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 39).

A identidade é definida nos entre-lugares mediante a descentralização que, apesar de fragmentar o sujeito, desloca as identidades unificadas pelo sistema modelo. Na narrativa, por meio das ações de Lucy, a identidade é buscada através desse deslocamento de estruturas, portanto, “abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7). É dessa forma que a identidade é construída nos entre-lugares, por intermédio da ruptura com os mecanismos de desintegração do sujeito. Ao invés do meio desintegrá-lo, antes ele desequilibra a estrutura vigente. Embora complexa, a identidade redefine-se a partir do deslocamento do estado fixo das coisas. Ao desestruturar a formação vigorante, o sujeito se autodetermina, desmudando aqui e ali, agindo como o não predeterminado. Seguindo por vias contrárias, Lucy se define porque sabe que esta é uma arma poderosa para existir.

Palavras finais

A partir da análise realizada acima concluímos que Lucy exerce o papel de recuperar em si a identidade diante do entre-meio que a indefine. A prerrogativa levantada acerca da raiva/ação se confirma quando a personagem se recusa a consentir com a atitude ambivalente de Mariah. Em ações corriqueiras esclarece para si – por meio de um (in)consciente – o seu lugar enquanto emigrante em contexto de diáspora. Frequentemente, a aproximação de Mariah revela-se imprecisa e condescendente. É justamente essa atitude “alheia” à realidade

que estrutura o social, que faz com que Lucy busque a cada palavra sua e a cada ato de Mariah ressignificar a sua presença em relação à hegemonia.

Concomitantemente, identificamos que a formação da identidade é fracionada quando se habita o meio e complexa quando se permeia a margem. No mais, mesmo com inconsistências eurocêntricas, percebemos que gradativamente Lucy supera a fragmentação ao autodefinir-se. Quando a personagem se autodefine, ela (re)constrói a identidade individual em face das intersecções que atravessam o seu corpo, ao mesmo tempo que (re)constrói a identidade coletiva. Esta que se forma pela relação que Lucy passa a ter consigo mesma e com o grupo.

Referências

- BHABHA, Homi Kharshedji. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, ciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIES, Carole Boyce. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 3, 747-763, dez 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/wHdtnsSSBDhfhfTtm8TVfs5P/?lang=pt>>. Acesso em: 11 fev. 2022.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A Editora, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2013.
- HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. *Revista Z Cultural*, Rio de Janeiro, n. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>>. Acesso em: 15 jun 2020.
- HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante Editora, 2019.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KINCAID, Jamaica. *Lucy*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MARINUCCI, Roberto; MILESI, Rosita. Migrantes e refugiados: por uma cidadania universal. *Caderno de debates: Refúgio, migrações e cidadanias - Instituto Migrações e Direitos Humanos*, São Paulo, v. 1, 53-80, jun 2006. Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/publicacoes/caderno-de-debates-01-refugio-migracoes-e-cidadania/>>. Acesso em: 10 fev 2022.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MALDONADO-TORRES, Nelson B. "Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas". In: MALDONADO-TORRES, Nelson; COSTA, Joaze B; GROSFUGUEL,

32 Criação & Crítica

Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2018.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Márcia Oliveira. *O feminismo pós-colonialista de Jamaica Kincaid: rumo à liberdade*. 2012. 148 f. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

VIVAS, Livia. *Fragmentação e redefinição de si: retrato feminino no romance caribenho Lucy*. In: XV ABRALIC - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 15º edição, 2017, Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, p. 5379-5390.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife, Bagaço, 2009.

Recebido em: 15/02/2022

Aceito em: 26/05/2022

Referência eletrônica: CARVALHO, Maria do Carmo Moreira de.; LIMA, Sara Regina de Oliveira. Entre a fragmentação e a autodefinição: o entre-lugar permeado por Lucy, de Jamaica Kincaid. *Criação & Crítica*, n. 32, p., jul. 2022. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.